

Celadons “ru”, a mais rara das cerâmicas

Maria Fernanda Lochschmidt

Por causa de sua beleza, perfeição e raridade – no mundo existem menos de 70 peças -, os celadons “ru” são considerados as mais preciosas das cerâmicas, e permanecem como a máxima expressão da arte do ceramista chinês.

Os “ru”, juntamente com os “jun”, “ding”, “guan” e “ge”, fazem parte dos cinco tipos clássicos de cerâmicas da era Song (960 -1297).

Produzidos nas vizinhanças da cidade de Ruzhou, na província de Henan, pelo curto período de duas décadas (de 1086 a 1106), exclusivamente para uso imperial e sob indicação do imperador e esteta Song Huizong (reinou de 1101 – 1125), os grés “ru” se destacam por suas formas austeras e elegantes, pela sutileza de seus vidrados verde-azulados e pela total ausência de decoração.

As cerâmicas “ru” já eram muito valorizadas e escassas mesmo durante sua época de produção. Diferente de outros tipos de cerâmica, as peças eram produzidas em menor quantidade, logo eram cuidadosamente selecionadas e destinadas exclusivamente à corte. Aquelas cujo acabamento era insatisfatório, eram normalmente destruídas, em vez de serem vendidas a outrem.

As formas das cerâmicas “ru” foram inspiradas em objetos de uso diário: pratos, tigelas, vasos, garrafas, suportes para taças, incensórios, potes para flotes, etc., e apresentam notória semelhança com finos produtos em laca da mesma época. Sabe-se que as peças eram encomendadas e utilizadas pelo próprio imperador Song Huizong.

No universo das cerâmicas, os “ru” são um tipo de grés com vidrado conhecido como “celadon”.

O corpo das peças – de cor bege acinzentado - é caracteristicamente muito fino, e o vidrado, espesso. A temperatura do forno era levemente mais baixa que a de outros grés, isto é, entre 1200° a 1250°C.

O tipo de forno utilizado era o “mantou”, típico do norte da China. Estes fornos de forma circular foram assim chamados por causa da semelhança com um tipo de pão homônimo. Os “mantou” são pequenos – não ultrapassam 1,95 m de comprimento – e não admitem grande quantidade de peças por cozimento.

Em fins do século XI, o carvão já era amplamente utilizado na China como forma de combustão na indústria da cerâmica. Apesar disso, nos fornos de “ru”, preferiu-se utilizar a madeira, como antigamente. A lenha era mais cara, porém melhor para controlar os níveis muito baixos de oxigênio necessários para obter a atmosfera de redução.

O nome “celadon” deriva muito provavelmente de um romance francês de 1627, de Honoré D'Astrée, que fez muito sucesso no século XVIII. No romance, um dos personagens sempre vestia cor verde e se chamava “Celadon”.

Tecnicamente é um vidrado que contém de 2 a 3 % de óxido de ferro, o qual, ao ser cozido em atmosfera de redução, reage adquirindo o tom verde-azulado característico que se assemelha ao do jade. É justamente essa semelhança ao jade que faz com que os “celadons” sejam tão apreciados na China e em outros países do Oriente.

No caso único dos “ru”, pó de ágata era adicionado à mistura do vidrado, conferindo-lhes um tom muito especial e uma sutil cintilância quando colocados contra a luz. Aliás, a cor das peças é talvez o seu maior atributo de beleza.

O vidrado bem espesso era aplicado em várias camadas. Autores especializados citam a semelhança dos “ru” com finos produtos em laca da era Song do Norte (960-1127). Aparentemente não só as formas serviram como fonte de inspiração aos ceramistas, mas também as técnicas de aplicação do vidrado.

Se observados de perto, os “ru” possuem finas fissuras uniformes, que se assemelham a um vidro quebrado em partículas minúsculas. Essas fissuras se produzem quando a peça é retirada do calor do forno e exposta à temperatura ambiente mais fria. Com o esfriamento, o vidrado encolhe mais do que o próprio corpo da cerâmica, provocando um rompimento generalizado e uniforme. Este efeito foi e é ainda hoje muito apreciado e procurado pelos ceramistas e amantes da cerâmica, principalmente na China. Tanto é que chegava-se a esfriar bruscamente as peças logo após o cozimento, a fim de obter as tais fissuras.

Outra característica particular dos “ru” é que as peças são cobertas em sua totalidade pelo vidrado. Diferente das outras cerâmicas, onde a base de apoio fica sem coberta e pode-se ver o corpo, os “ru” mostram um acabamento perfeito, com cobertura completa. Isso se conseguia levando cada peça ao forno, apoiada sobre finos suportes, evitando assim o contato da base com qualquer superfície.

O National Palace Museum em Taipé, que possui a maior coleção de “ru” com 22 peças, quando as expõe, costuma apoiá-las sobre estantes de vidro e colocar embaixo um espelho posicionado a 45°, a fim de que o observador possa apreciar o fino acabamento da face inferior. Pode-se ver então as marcas minúsculas dos suportes utilizados na hora do cozimento, em forma de semente de sésamo.

Song Huizong, que patrocinava a produção dos “ru”, certamente foi o imperador da China com maiores talentos artísticos. Além de ser um esteta, era excelente calígrafo, pintor, poeta, amante da música e ávido colecionador de antiguidades. Sua coleção de pinturas superava o número de 6.000, segundo consta nos catálogos. Sua corte transbordava luxo e bom gosto.

No entanto, ele reinou em um momento histórico em que a China se encontrava cercada e ameaçada em suas fronteiras setentrionais. Huizong não soube lidar com os problemas externos.

Aos poucos, a China perdia seus territórios do norte para os povos semi-nômades Khitan, da dinastia Liao. Os gastos militares para defender as fronteiras provocaram alta nos impostos, inflação e rebeliões. Cometendo um grande erro, Huizong aliou-se aos Jurchen, da vizinha dinastia Jin, para combater os Khitan.

Mas o aliado o enganou e tornou-se inimigo. Os Jurchen Jin invadem o território chinês em 1125. Huizong abdica a favor de seu filho Qinzong, quem reina por um curto lapso em 1126. Nesse mesmo ano, os Jurchen tomam a capital Kaifeng. Huizong, seu herdeiro Qinzong e mais de 3.000 integrantes da corte imperial são capturados e levados rumo ao norte como prisioneiros. Huizong morre em 1135 na prisão.

O nono filho de Huizong dá continuidade à casa imperial e inaugura a dinastia Song do Sul em 1127, estabelecendo sua corte na cidade de Hangzhou, às margens do rio Yangtzé.

As cerâmicas para servir a corte começam a ser feitas no sul da China e possuem características diferentes das do norte.

Apesar dos “ru” terem sido conservados em coleções durante todos esses séculos, não se sabia ao certo onde estavam situados os seus fornos. A razão pode ter sido o difícil momento histórico e a pequena escala de produção. Sempre se pensou que os “ru” fossem feitos em Kaifeng, na própria capital da dinastia Song do Norte, nas vizinhanças da corte imperial.

Somente em 1986 é que foi descoberto o sítio de produção, perto do pequeno povoado de Qingliangsi, no distrito de Baofeng, na província de Henan.

Por causa do elevado status que gozam os celadons de “ru” na história da cerâmica mundial, esse descobrimento arqueológico foi muito festejado e permite o estudo da produção das peças.